

DINAMIZANDO A SALA DE AULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

*Carina Alexandra Rondini**
Elizabeth Piemonte Constantino
Adriane Gallo Alcantara da Silva
Gisela Roseli Griehl Holzhausen

RESUMO

O presente artigo trata de um relato de experiência vivenciada por uma professora da rede pública de ensino da cidade de Assis-SP, após a participação no curso de extensão “Dinamizando a sala de aula – educação baseada nas potencialidades”. O curso teve como objetivo propor aos profissionais da área da educação um espaço para o planejamento e a execução de propostas de enriquecimento e dinamização da sala de aula. Para isso, foi apresentado um exemplo a respeito da relação ensino-aprendizagem, evidenciando uma experiência em língua portuguesa, com base na literatura científica nacional e internacional. O trabalho foi realizado em uma escola periférica com 28 alunos de 5º ano, sendo 18 meninas e 10 meninos – com média de 10 anos de idade – e teve como objetivo ressignificar as atividades educativas em sala de aula, uma vez que esses alunos foram apontados como crianças desinteressadas, agitadas e sem limites. Os resultados dessa experiência indicaram que o curso de extensão foi de fundamental importância para auxiliar a professora na sua ação docente, no sentido de contribuir para o planejamento de práticas pedagógicas mais dinâmicas, que atendessem às necessidades e interesses dos alunos envolvidos.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Potencial. Formação continuada.

DYNAMIZING THE CLASSROOM: AN EXPERIENCE REPORT IN ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

The present paper reports the experience lived by a public school teacher of the city of Assis – SP, after her participation in the “Dynamizing the classroom – education based upon the potentialities” extension course. The course aimed to offer to the professionals of the Educational area a space for the planning and execution of proposals of enrichment and dynamization in the classroom. In order to do that, one example was presented on the teaching-learning relation, highlighting one experience in Portuguese, based on the national and international scientific literature. The study was performed at a school in the

* Doutorado em Engenharia Elétrica (USP). Docente do Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, SP. Contato: carina@assis.unesp.br.

suburbs with 28 students at 5th grade, distributed as 18 girls and 10 boys - aged 10, mostly - aiming to resignify the educational activities in the classroom, since these students were identified as disinterested, restless and boundless children. The results of this experience indicated that the extension course was fundamentally important to assist the teacher in her teaching activity, contributing to the planning of dynamic pedagogic practices that meet the needs and interests of the students involved.

Keywords: Pedagogic practices. Potentialities. Continuing education.

PRÁTICAS DINÁMICAS EN LA SALA DE CLASE: UN RELATO DE EXPERIENCIA EN LA ESCUELA PRIMARIA

RESUMEN

El presente artículo es un relato de experiencia vivida por los profesores en las escuelas públicas de la ciudad de Assis-SP, después de participar en un curso de extensión "Prácticas dinámicas en la sala de clase – educación con base en las potencialidades." El curso tuvo como objetivo proponer a los profesionales de la educación un espacio para la planificación y ejecución de propuestas para el enriquecimiento y mejora de la sala de clase, con el fin de cumplir con las capacidades específicas de los estudiantes, promoviendo un aprendizaje significativo. Con relación a la literatura científica nacional e internacional sobre el proceso enseñanza/aprendizaje, presentamos un ejemplo de una experiencia en la disciplina Portugués desarrollada por una profesora de la escuela primaria, participante del supuesto curso. El trabajo se realizó en una escuela en la periferia con 28 alumnos de quinto año, 18 niñas y 10 niños, con promedio de 10 años, con el objetivo de replantear las actividades educativas en el aula, na vez que estos estudiantes fueron designados como desinteresados, inquietos y sin límites. Los resultados de este experimento indicaron que el curso de extensión fue esencial para ayudar al profesor en su actividad docente, para contribuir a la planificación de las prácticas más dinámicas de enseñanza que respondan a las necesidades e intereses de los estudiantes involucrados.

Palabras clave: Prácticas pedagógicas. Potencialidad. Educación continua.

INTRODUÇÃO

Em uma época em que o sistema educacional passa por ressignificações, torna-se vital que os profissionais da educação renovem conceitos, revejam posturas e revisitem as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Quem se imagina pronto, com diploma na mão, limita seus passos e de seus discentes.

Nessa abordagem, enfatizamos a importância da formação continuada docente, uma vez que o professor deve ser um profissional que está em constante processo de formação, utilizando-se da reflexão na ação e da reflexão sobre a ação e teorizando a partir da própria prática pedagógica, no seu contexto de trabalho ([IMBERNÓN, 2009](#)).

A formação docente é um processo em elaboração contínua que se realiza com base nas condições históricas presentes no cotidiano escolar e social. Isso implica romper com a concepção de uma aptidão inata ("dom"), estável e acabada dessa formação.

Dessa forma, na sua prática pedagógica, o professor precisa analisar criticamente sua atuação, numa atitude constante de ação – reflexão – ação, conforme as exigências do mundo contemporâneo e do trabalho educativo, de sorte a comprometer-se, enquanto educador, com a busca permanente de seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Em razão disso, entendemos que a ação educativa do professor se desenvolve num processo que vai adquirindo forma no dia a dia da sala de aula, mediante um trabalho ora coletivo, ora específico, em interação com seus alunos, a fim de transformar a escola em um espaço de aprendizagem que tenha sentido para os envolvidos nesse processo. Para que isso aconteça, o professor precisa saber identificar o potencial do aluno, de modo a intervir no que [Vygotsky \(1984\)](#) definiu como “Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)”:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes ([VYGOTSKY, 1984, p.97](#))¹.

Contudo, se o professor é do tipo “tradicional/conservador”, essa atitude estará comprometida, visto que é fundamental ter liberdade para explorar e arriscar novas formas em busca de novas ideias e linguagens, rompendo, dessa maneira, com as formas padronizadas. O professor, muitas vezes, limita-se ao modelo pronto e acabado de planejamento, não conseguindo se desvencilhar da opressão dos planos de aula, tornando-se refém da rotina e da burocracia, mecanizando com isso o processo de ensino-aprendizagem ([BRAGOTTO, 2003](#)).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais acrescentam, ainda, que o professor que aspira a uma prática curiosa e investigativa, por parte de seus alunos, deve priorizar atividades que exijam essa postura e não a passividade. Deve valorizar o processo e a qualidade e não apenas a rapidez na realização, além de não se contentar com respostas/conduas padronizadas de seus alunos, almejando, pois, por estratégias criativas e originais. Segundo [Imbernón \(2009\)](#), o modo de ensinar é tão importante quanto o que se pretende ensinar, já que dinamizar uma sala de aula não quer dizer fazer tudo diferente todos os dias, mas ser diferente, estar diferente, pensar diferente, olhar diferente para os alunos e para suas necessidades. Além disso, mantendo aspectos como formalidade, disciplina, organização e regras, teremos elementos que, na medida certa, tornam-se essenciais para o bom desenvolvimento das atividades e dos alunos.

No entanto, encontrar o ponto de equilíbrio na ação pedagógica é o grande desafio.

Nesse contexto, a fim de que o professor possa desenvolver sua prática pedagógica, faz-se necessário o constante aperfeiçoamento. Nesse sentido, recorreremos às palavras de Costa, quando o autor afirma que “[...] é de suma importância uma formação inicial e continuada dos professores, para que esses exerçam seus trabalhos como mediadores do processo do conhecimento e da aprendizagem”. O autor continua salientando que

¹ Para o autor, o nível de desenvolvimento real se refere a “[...] certos ciclos de desenvolvimento já completados” pela criança, enquanto o nível de desenvolvimento potencial são ciclos ainda não ou próximos de serem completados (p. 95).

[...] urge na formação dos professores um redimensionamento, uma reformulação na concepção do que seja educação que não se restringe aos conteúdos dos livros didáticos, enciclopédias; educação é um conceito amplo, complexo que vem sofrendo modificações, ressignificações no cotidiano escolar e da sociedade. (COSTA, 2010, p.13).

Entendemos que a formação inicial e continuada do professorado deve possibilitar um saber fazer prático e racional, fundamentado para agir em situações complexas de ensino, propiciando uma constante dialética entre a prática profissional e a formação teórica. Ainda, nessa perspectiva, ressaltamos que o conhecimento pedagógico não pode estar desvinculado da relação teoria e prática (TARDIF, 2002).

Em decorrência do acima exposto, a formação continuada do professor, por sua vez, toma como base a prática pedagógica e possui, como finalidade dessa prática, levar os alunos a se tornarem agentes conscientes de seu papel transformador na sociedade. Para conseguir que os alunos se apropriem do saber escolar, como sujeitos autônomos e críticos, o professor precisa estar, ele próprio, apropriando-se desse saber e tornando-se cada vez mais autônomo e crítico, num processo permanente e sistemático de reflexão. Conforme assinala Gatti (2003, p.196),

[...] decorre ser muito simplista a noção de que o aumento e a melhoria do rol de conhecimentos informativos, adquiridos individualmente, será suficiente para melhorar ou modificar conceitos e práticas ligados ao trabalho profissional de professores. Essa concepção não dá conta da complexa dinâmica sociopsicológica envolvida nas relações entre conhecimento, valores, atitudes e ações... Programas formativos, intervenções que visam trazer impactos e diferenciais nos modos de agir de pessoas/profissionais só mostram efetividade quando levam em consideração as condições sociopsicológicas e culturais de existência das pessoas em seus nichos de habitação e convivência, e não apenas suas condições cognitivas. (grifos nossos).

Dessa forma, no segundo semestre de 2013, foi oferecido aos professores da ativa dos segundos, terceiros, quartos e quintos anos do Ensino Fundamental, das redes municipal e estadual de um município do interior do Estado de São Paulo, com cerca de 100 mil habitantes, um curso de Difusão de Conhecimento – cadastrado junto à Pró-Reitoria de Extensão – PROEX², pelo Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho da Faculdade de Ciências e Letras – FCL – UNESP, Campus de Assis, intitulado “Dinamizando a sala de aula – educação baseada nas potencialidades”.

O objetivo do curso foi propor aos profissionais da área da educação um espaço para o planejamento e a execução de propostas de enriquecimento e dinamização da sala de aula, pautados nos pressupostos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1997). Para esse autor, na pesquisa-ação, “[...] os atores deixam de ser simplesmente objeto de observação, explicação ou de interpretação. Eles tornam-se sujeitos e parte integrante da pesquisa, de sua concepção, de seu desenrolar, de sua redação e de seu acompanhamento” (p. 36). Entende-se, então, que na pesquisa-ação atores e autores estão relacionados de modo recíproco na ação.

² Vale esclarecer que tal proposta foi planejada especificamente para os professores em atuação, conforme preconiza a legislação brasileira que trata da formação complementar docente em exercício (Art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Desse modo, não coube incluir alunos de graduação como agentes e nem como público-alvo do referido curso.

Para isso, o curso foi dividido em dois módulos de 30 horas cada: a) teórico, no qual profissionais da academia e da rede municipal de ensino puderam apresentar suas práticas diferenciadas e a nova concepção/demanda da escola; e b) prático, no qual os participantes do curso tiveram que planejar, executar e avaliar três práticas diferenciadas (Ciências, Matemática e Língua Portuguesa) aplicadas na sala de aula em que estavam atuando, com o propósito de aprofundar os conceitos e práticas abordados no módulo I, a partir das necessidades e dos desafios do cotidiano de cada um, segundo aponta [Gatti \(2003\)](#).

O curso contou com 28 inscritos, dos quais 21 concluíram o módulo I e 9 concluíram o módulo II³. Foi sugerido aos participantes que adotassem as práticas pedagógicas sugeridas no curso, a fim de promoverem as mesmas atividades aos alunos, porém, de maneira diferenciada e, conseqüentemente, mais significativa. Com isso, os alunos e professores poderiam ser mais produtivos, criativos, além de aumentarem a autoestima e se envolverem mais com a escola, podendo, por essa razão, melhorar a qualidade do ensino.

Para refletirmos sobre o processo de teoria – ação – reflexão – ação, que se deu nesse curso, trazemos o relato da experiência de uma das professoras concluintes do módulo II. Suas práticas foram realizadas em uma escola periférica, porém, de classe social média, em uma turma de 5º ano com 28 alunos, sendo 18 meninas e 10 meninos, com média de 10 anos, os quais foram descritos pela professora como crianças desinteressadas, agitadas, sem limites e agressivas (SIC professora).

RELATO DA EXPERIÊNCIA

TÍTULO DA ATIVIDADE: “História em Quadrinhos (HQ)”

OBJETIVO: a) Levar o aluno a conhecer as características da linguagem das histórias em quadrinhos; estudos de balões; sequência de diálogos; b) Distinguir fala de personagens e fala de narrador; c) Construir história em quadrinhos.

A escolha do gênero textual da HQ pauta-se em [Bronckart \(1999\)](#), quando assinala que apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.

MATERIAIS: Caderno, lápis, lápis de cor, gibis, papel sulfite, cartolina, lousa, giz, revistas, cola, tesoura, tirinhas impressas.

PROCEDIMENTOS:

Segundo os pressupostos de [Kramer \(2001\)](#), “[a] leitura pode ser fruição, divertimento, prática que informa, comunica, avisa. [...] Instrumentalizar é também necessário, importante, tal como divertir-se, envolver-se, praticar. Apenas me parece que para se constituírem como formadoras a leitura e a escrita precisam se concretizar como experiências” (2001, p.106). Assim, o primeiro momento da atividade deu-se da seguinte forma:

³ Houve apenas um momento de inscrição no curso, no qual se inscreveram 28 professores. Aqueles que terminaram o módulo I receberam o certificado correspondente. Desses, 9 se inscreveram no módulo II. Pode-se atribuir o número reduzido de inscritos e concluintes neste módulo em função de o mesmo ser de ordem prática e exigir relato escrito de experiência. Além disso, há de se considerar também a carga horária total dividida em dois módulos de 30 horas cada, o que nem sempre é factível para o professor da rede.

1º momento: atividade coletiva – leitura do texto “Tatipirun”, análise do personagem principal (suas características), análise dos lugares em que a história se desenrola, quem conta a história, moral (se há).

TATIPIRUN

Havia um menino diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam:

– Ó Pelado!

Tanto gritaram que ele se acostumou, achou o apelido certo, deu para se assinar a carvão, nas paredes: Dr. Raimundo Pelado. Era de bom gênio e não se zangava; mas os garotos dos arredores fugiam ao vê-lo, escondiam-se por detrás das árvores da rua, mudavam a voz e perguntavam que fim tinham levado os cabelos dele. Raimundo entristecia e fechava o olho direito. Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura.

Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando.

Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e o outro azul.

Um dia em que ele preparava com areia molhada a serra de Taquaritu e o rio das Sete Cabeças, ouviu os gritos dos meninos escondidos por detrás das árvores e sentiu um baque no coração.

– Quem raspou a cabeça dele? Perguntou o moleque do tabuleiro.

– Como botaram os olhos de duas criaturas numa cara? Berrou o italianinho da esquina.

– Era melhor que me deixassem quieto, disse Raimundo baixinho. Encolheu-se e fechou o olho direito. Em seguida, foi fechando o olho esquerdo, não enxergou mais a rua. As vozes dos moleques desapareceram só se ouvia a cantiga das cigarras. Afinal as cigarras se calaram.

Raimundo levantou-se, entrou em casa, atravessou o quintal e ganhou o morro. Aí começaram a surgir às coisas estranhas que há na terra de Tatipirun, coisas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto. Sentiu uma grande surpresa ao notar que Tatipirun ficava ali perto de casa. Foi andando na ladeira, mas não precisava subir: enquanto caminhava, o monte ia baixando, baixando, aplainava-se como uma folha de papel. E o caminho, cheio de curvas, estirava-se como uma linha. Depois que ele passava, a ladeira tornava a empinar-se e a estrada se enchia de voltas novamente.

– Querem ver que isto por aqui já é a serra de Taquaritu? Pensou Raimundo.

– Como é que você sabe? Roncou um automóvel perto dele.

O pequeno voltou-se assustado e quis desviar-se, mas não teve tempo. O automóvel estava ali em cima, pega não pega. Era um carro esquisito: em vez de faróis, tinha dois olhos grandes: um azul, outro preto.

– Estou frito, suspirou o viajante esmorecendo.

Mas o automóvel piscou o olho preto e animou-o com o riso grosso de buzina:

– Deixe de besteira, Seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém.

Levantou as rodas da frente, armou um salto, passou por cima da cabeça do menino, foi cair cinquenta metros adiante e continuou a rodar fonfonando. Uma laranjeira que estava no meio da estrada afastou-se para deixar a passagem livre e disse toda amável:

– Faz favor.

- Não se incomode, agradeceu o pequeno. A senhora é muito educada.
- Tudo aqui é assim, respondeu a laranjeira.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*

(In: FARACO; M. *Comunicação em língua portuguesa* – 5ª série – página 35).

2º momento: atividade individual com correção coletiva – estudo do texto.

1. O que o menino da história tinha de diferente dos outros meninos?
2. O que faziam os garotos dos arredores quando viam Raimundo?
3. Por que falava sozinho?
4. Tatipirun existia na realidade ou só na imaginação de Raimundo?
5. Como eram as pessoas no país de Tatipirun?
6. O que acontecia com o monte, enquanto Raimundo caminhava?
7. Como era o automóvel que Raimundo encontrou na serra de Taquaritu?
8. Como se chamava o país que Raimundo imaginou?
9. Como era Tatipirun?
10. Os garotos dos arredores evitavam Raimundo. Destaque o trecho do texto em que aparece essa afirmativa.
11. Como ficava a cara de Raimundo, quando se aborrecia?
12. Como botaram os olhos de duas criaturas numa cara?
 - a. Quem falou isso?
 - b. A quem ele se referia?
13. Quais foram os dois acidentes geográficos que Raimundo imaginou existir em Tatipirun?
14. “Aí começaram a surgir as coisas estranhas que há na terra de Tatipirun”. Cite três exemplos dessas coisas estranhas.
15. De acordo com a laranjeira, qual é a característica de todos os seres de Tatipirun?

3º momento: atividade coletiva, porém, cada criança continua a história a partir do que o colega anterior deixou escrito – criação de continuação para a história, com possível desfecho.

(continuação do texto TATIPIRUN, de acordo com alunos do 5º ano/2013 – somente correções ortográficas e gramaticais; sem correção textual):

“E assim foi andando e achou várias árvores e animais falantes; quanto mais subia o morro, Raimundo encontrava pessoas, objetos e animais educados, e que o respeitavam e não o discriminavam como no mundo real. Em Tatipirun, Raimundo tinha amigos; era feliz, podia fazer muitas coisas divertidas, brincava com os carros, motos, árvores, animais; todos eram como ele, tinha um olho azul e outro preto, todos com uma educação impressionante. Toda vez que ele imaginava ficava muito feliz, mas quando pensava em sua terra que não era Tatipirun se entristecia.

Raimundo sempre se sentia muito feliz em Tatipirun, pois brincava, pulava, sorria, chorava, mas de alegria, é claro; seus amigos eram tão legais, que ele se esquecia de voltar ao mundo real. Um certo dia chegou em casa (mundo real) e já estava escuro (de noite), sua mãe ficou preocupada, perguntou onde ele estava, ele não respondeu, foi para seu quarto, não estava com fome e foi dormir.

De manhã, ele acordou, tomou café correndo, e... voltou para o quarto... Foi para o mundo de Tatipirun, achou milhares de crianças brincando, e se surpreendeu, pois só se

via árvores, automóveis e objetos; mas feliz foi brincar. Quando sua mãe o chamou, foram jantar, pois ficou o dia inteiro em seu mundo.

Ele adorava Tatipirun, e não queria sair de lá, pois lá não era desprezado como no mundo real.

Na manhã seguinte, foi à Tatipirun e teve uma surpresa ao perceber que as árvores, crianças e carros tinham sumido. Ele chorou, até que percebeu que tinha parado de desenhar e criar seu mundo. Foi a um poço, pegou um balde com água, um outro balde pegou areia, sentou no chão e recomeçou a desenhar a serra de Tatipirun.

No outro dia acordou e tentou, tentou e tentou, mas não conseguiu imaginar de novo Tatipirun.

Raimundo estava pela rua quando de repente, um menino chegou perto dele e disse:

– Oi, como é seu nome?

Raimundo ficou muito feliz, pois ninguém nunca tinha falado com ele. Ele percebeu que tinha voltado à Tatipirun e seria muito feliz lá. Onde pretendia passar o resto de sua vida. Até que aconteceu o inesperado, Tatipirun sumiu de novo. Raimundo não tinha mais ideias sobre Tatipirun, então desistiu de seu mundo imaginário.

Um dia, na escola, percebeu um menino novo na classe; quando passou por ele, o menino disse:

– Oi, como é seu nome?

– Meu nome é Raimundo, e o seu?

– O meu também é Raimundo.

– Podemos nos encontrar na esquina da escola? Perguntou Raimundo.

– Sim, lógico que sim.

Depois da escola os Raimundos foram almoçar, depois do almoço foram se encontrar conforme o combinado. Brincaram o dia todo, era pega-pega, esconde-esconde, sonhando com um mundo inventado, andando de bicicleta...

Todos os dias eles brincavam, sorriam, era uma felicidade que não acabava. Era tudo tão maravilhoso para os Raimundos. O Raimundo de cabeça pelada estava tão contente com aquilo, pois ele nunca teve sequer um amigo.

Um dia, eles ficaram o dia todo conversando com o pessoal de Tatipirun, viram que tinha acontecido uma tragédia; os carros, as árvores, animais, casas não falavam mais; não tinham mais olhos, nem nariz, tudo estava feio, todos sem educação; então ele voltou para o mundo real, quando voltou, todos seus amigos estavam educados, estava tudo tão bonito; todos brincando e sem xingamento. E assim foram brincar juntos, e viveram muito felizes.

Até que um dia Raimundo estava brincando em seu mundo, quando uma força poderosa invadiu seu mundo. Uma força maligna que o desafiou pra uma batalha; foram dias de guerra, mal contra bem, tristeza contra felicidade; até que um dia algo surpreendente acontece; o mal vence...

Passaram-se dias, Raimundo planejando um ataque; percebeu que estava pronto e começa a batalha. Finalmente ele ganhou e então com a destruição toda, Raimundo reconstrói seu mundo, vivendo assim seu sonho de vida.

Ele queria que realmente Tatipirun fosse de verdade e então começa a pensar e não parava de pensar. Então abriu o olho e viu Tatipirun, mas não era mais imaginário, era real. Ele ficou tão alegre sem saber que seu sonho virou realidade. Ele viveu normal, feliz, igual a todos!

4º momento: atividade em grupos com 3 alunos – elaboração de glossário ilustrado com as palavras desconhecidas do vocabulário da classe.

“É quando uma pessoa está dirigindo e buzina para outros; ou seja é uma businada que você dá no meio da rua, ou em qual – lugar que você esteja”.

(sem correção ortográfica e gramatical)



Figura 1. Definição de “fonfonar” dada por um grupo de alunos.

5º momento: atividade coletiva – conhecendo HQ e formas de expressão, onde surgiram HQ, estruturação de HQ. Tal atividade pauta-se em [Marcuschi \(2008, p.155\)](#), para o qual "[o] estudo dos gêneros textuais [HQ] é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais.", que foram vivenciadas pela proposta de trabalho em grupo.

21-10-13 - out - segundo - 168º dia de aula - CXLXIII

História em Quadrinhos
 História em Quadrinhos

o que são?

H.Q. são um ramo do arte sequencial, no qual podemos incluir o cinema

Onde e quando surgiram?

H.Q. surgiram oficialmente nos E.U.A. em 1845, com o "Máquina Amarela" (Yellow Kid), criado por Richard Outcault no Brasil, o italiano Cingula e o argentino é considerado o pioneiro dos H.Q. brasileiros.

Os primeiros inimigos das H.Q. no Brasil foram os pais.

Classificam os quadrinhos como "imercês" e "demoralizantes".

Os quadrinhos tem características próprias que lhe permitem interação

com leitor, diferente daquele que se obtém por meio do leitor de um livro.

A leitura dos quadrinhos não se limita ao texto mas estende-se à imagem, ajudando a formar habilidades mais complexas de análise e interpretação contextualizadas.

Formas de expressão e estruturação

- pensamento
- fala da personagem
- fala meio de comunicação
- grito em grupo
- dois falando
- fala com música
- duas falas mesmo sem
- ruído

Atividade 1

Observe a quadrinha, a expressão facial, as estruturas de movimentos; ouça a fala da personagem.



Dinamizando a sala de aula: um relato de experiência no ensino fundamental.

Certo dia, Cebolinha estava trabalhando em mais um plano infalível, e como sempre, acaba se dando mal. A Mônica descobriu a arte de cebolinha: os nós em seu coelho Sansão. Mônica, vermelha de raiva, sai correndo e encontra Cebolinha, que percebendo sua presença, sai em disparada. Ele ergue seu coelho de pelúcia o Sansão e corre atrás do Cebolinha em disparada, até que o Cebolinha para e fala:

– Mônica vamos resolver nossas diferenças de um jeito inteligente. Mônica responde: - Tudo bem! Como?

Cebolinha diz a Mônica: - Com um tabuleiro de xadrez!

A Mônica dá duplo sentido a ideia do cebolinha. Ela pensa que é pra bater nele com o tabuleiro de xadrez. E em seguida sai em disparada com o tabuleiro de xadrez na mão para bater no cebolinha. (sem correção gramatical e ortográfica)

7º momento: atividade em duplas – transformar o texto Tatipirun em História em Quadrinhos.

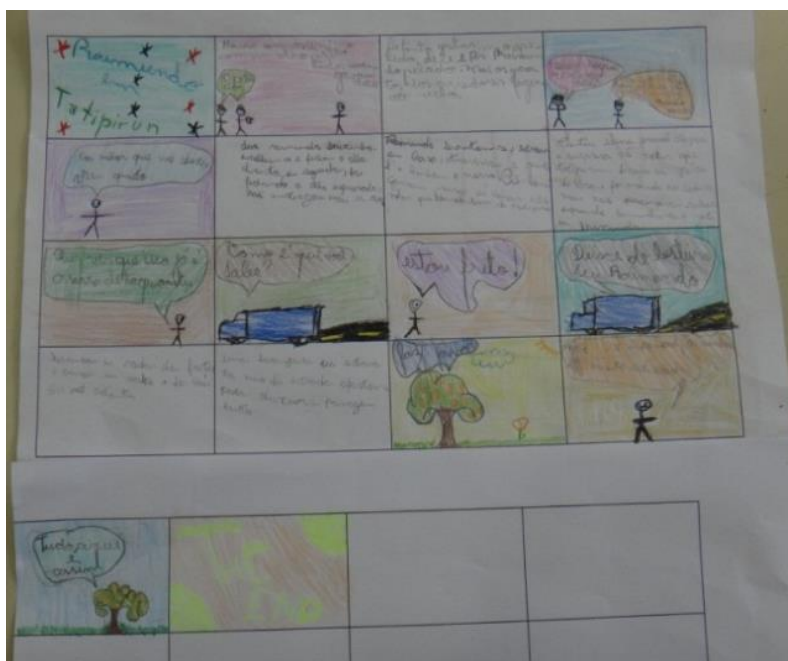


Figura 2. Exemplo de uma HD gerada por um grupo de alunos.

8º momento: atividade individual: confeccionar o carrinho de Tatipirun (pintar, recortar e montar).

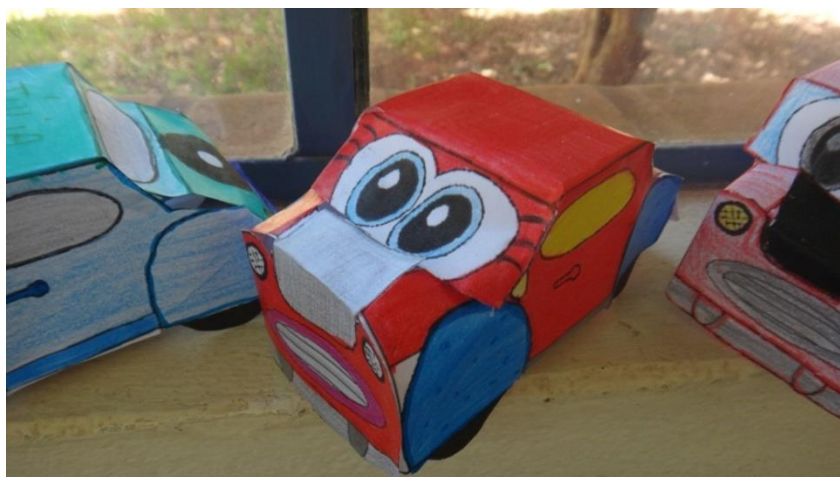


Figura 3. Produção dos alunos – carrinho de Tatipirun.

RELATO:

nome: Gustavo Ulain Campidelli
data: 05.11.2013
Escreva sobre o que foi interessante e o que não foi ao trabalhar com o texto Tatipirun, as tirinhas, continuações do texto em H.O.
Gostei muito pois o trabalho em dupla foi super legal em ajudando o outro em parceria, gostei de saber que com os desenhos e imaginação podemos criar o que quisermos a reprodução de quadrinhos foi super imaginativa pois podemos criar Tatipirun

CONCEITOS ADQUIRIDOS: *bullying* (o que é, o que fazer para não estar em situação de *bullying* ou participar de *bullying* contra algum colega); elaborar glossário diferenciado; confeccionar HQ e perceber a estruturação quanto ao texto comum (diálogos e narração); observar a necessidade de estimular a leitura de maneira urgente; estimular o gosto pela leitura – independentemente do que o leitor deseja ler; saber que não existe uma “boa” leitura presente apenas nos livros e, sim, que a boa leitura é aquilo que o leitor deseja ler, não importa se é uma revista em quadrinhos, o caderno de esportes ou a revista de horóscopo; verificar que, se for maior a frequência com que uma pessoa lê diariamente, maiores as chances de ela desejar ler mais, variando o tipo de leitura.

POR QUE A ATIVIDADE É EXIGENTE? Demanda capacidade de análise simples de compreensão de enredo; identificar suposições; reconhecer situações do cotidiano no texto e moral da história. Ser capaz de reconhecer um problema, selecionar no mundo de informações, bem como solucioná-lo de maneira simples e clara. Analisar e confeccionar de forma categórica a atividade, a fim de reconhecer o funcionamento dos itens desenvolvidos.

“Agora vou falar da dolência das flores...” Clarice Lispector

A atividade em grupos fez com que as crianças se esforçassem em dividir opiniões, sem se agredirem verbalmente, compartilhando materiais e saberes. Conhecer o personagem permitiu que repensassem suas atitudes em relação ao *bullying*.

[...] minha dupla e eu nos entendemos muito bem, foram poucas desavenças, a professora também ajudou muito dando dicas falando para nos nós acalmarmos e não discutir; de ruim na minha opinião foi a conversa de quem já tinha terminado atrapalhando quem estava trabalhando ainda achei que ninguém ia colaborar com a professora mas pelo contrário colaboraram mas também conversamos bastante. (Maria Eduarda, grifos nossos, sem correção gramatical e ortográfica).

[...] também gostei de trabalhar em dupla, meu parceiro era o Ricardo, conseguimos fazer todos os quadrinhos. (Beatriz, sem correção gramatical e ortográfica).

[...] achei bom porque fala sobre a Bullying e aprendi mais sobre o Bullying. (Ricardo, sem correção gramatical e ortográfica).

Evidenciamos, por meio dos relatos, que a prática de trabalho desenvolvida em grupo e com a mediação da professora favoreceu a troca de experiências entre os alunos, além de desenvolver a competência/habilidade de ouvir, respeitar o outro e argumentar de forma educada – elementos essenciais que contribuem para o aprofundamento do saber e, conseqüentemente, para o desenvolvimento discente. De acordo com a prática pedagógica desenvolvida, “[...] a aula é concebida no âmbito das relações humanas e sociais que proporcionam um conjunto de experiências e interações” aos alunos e professor ([VEIGA et al., 2008, p.8](#)).

Os alunos, também, desenvolveram saberes anteriormente apenas conhecidos em leitura, podendo confeccionar seu próprio material.

Eu achei bem legal o texto o que se trata, muito legal mesmo quando a professora falou para transformar em histórias em quadrinhos fiquei achando que era difícil, fiquei nervoso mas foi bem legal, fácil, para meu grupo foi difícil mas para mim não[,] ajudei eles e disse o que nós tínhamos que fazer, meu grupo era de três pessoas mas um não quis trabalhar, mas nós conseguimos perceber que o Diogo é bem esforçado então conseguimos fazer sem uma pessoa e eu acho que ficou muito bom a nossa história em quadrinho. (Victor Hugo, sem correção gramatical e ortográfica).

Nesse contexto, ressaltamos o que enfatizam [Kinney e Wharton \(2009, p.23\)](#), para quem “[...] devemos reconhecer que as crianças são participantes ativos de sua própria aprendizagem. Isso significa colocá-las no centro do processo, garantindo que estejam totalmente envolvidas no planejamento e na revisão da sua aprendizagem juntamente com os educadores”.

Segundo a professora que desenvolveu as atividades, trabalhar em grupos representou um desafio. Considerou uma tarefa que exige atenção constante das atividades, pois foi necessário circular entre os grupos, amenizar discussões, mostrar alternativas e indicar onde buscar informações no que já havia sido trabalhado

anteriormente (SIC professora). De acordo com [Costa \(2010\)](#), tais ações são inerentes ao mediador do processo do conhecimento e da aprendizagem. A professora destacou que para as crianças, também, foi desafiador em relação à troca de ideias e opiniões, devido à agitação da classe. Contudo, o trabalho em grupo possibilitou lidar com as relações sociais que envolviam problemas de comportamento apresentados pelos alunos em sala (SIC professora).

Houve igualmente dificuldade quanto ao prazo estipulado pelo curso em questão para a realização da parte prática – apenas 2 semanas para o planejamento e execução da experiência. Pela aproximação do final do ano letivo, que coincidiu com o período de concretização do projeto, as atividades tiveram que ser reduzidas, mas poderiam ter sido mais bem desenvolvidas, caso tivessem sido iniciadas antes. Segundo a professora, o assunto gerou discussões positivas entre os alunos, o que fez com que o trabalho oferecido e programado ficasse mais extenso do que foi previsto (SIC professora)⁴.

Ressaltamos que, para obtenção de resultados positivos na realização de trabalhos diferenciados de curto, médio ou longo prazo, é necessária a execução de um planejamento com ações claras e que sejam refletidas periodicamente. Conforme [Moretto \(2010\)](#), existem alguns fatores que são considerados básicos no planejamento: onde se pretende chegar, quais são os agentes envolvidos e as estratégias mais favoráveis para se alcançar o desejado, quais os recursos necessários para a execução das atividades propostas e quais os mecanismos de avaliação e controle do processo da solução e do produto resultante.

Ainda de acordo com o autor, a avaliação consiste no ato de o professor avaliar o que o aluno aprendeu para, então, poder criar novas e melhores condições para outras aprendizagens. “Trata-se de um momento privilegiado em que o professor recolhe dados para sua reflexão-na-ação com vistas a redirecionar seu processo de ensino” ([MORETTO, 2010, p.53](#)).

Observamos, também, que o mais difícil, para as crianças de 10 anos, foi demonstrar a diferença entre texto narrativo e texto em quadrinhos, apontando os detalhes de cada um, uma vez que o texto narrativo necessita de que se escreva em detalhes todo o cenário e o que está acontecendo, enquanto, nos desenhos do texto em quadrinhos, os detalhes já são mostrados. Fazer com que as crianças transfiram um texto narrativo para texto em quadrinhos ou vice-versa é cansativo e demanda cuidados, atenção e tempo, para que elas percebam as diferenças.

Torna-se essencial propor situações desafiadoras e estimulantes aos estudantes, quando se pretende desenvolver competências, pois, ao realizar as atividades sugeridas, o discente mobilizará recursos visando a abordar e resolver as situações de maior complexidade, desenvolvendo, desse modo, as competências desejadas ([MORETTO, 2010](#)).

Outra dificuldade observada foi que, em um texto em quadrinhos, as cenas podem se movimentar de um quadrinho para outro, e isso requer da criança um trabalho minucioso, sendo que, por muitas vezes, as crianças não têm disposição para “gastar” tempo em uma mesma atividade, prolongando-a. Porém, quando trabalham em duplas e os detalhes citados acima são discutidos entre os alunos, verifica-se o envolvimento em escrever diferentes textos e interpretá-los no grupo, tornando a aprendizagem

⁴ É importante ressaltar que a atividade estava programada segundo calendário estipulado pelo curso que a professora estava realizando e não como parte do planejamento anual da docente.

significativa. Dessa maneira recorreremos às palavras de [Antunes \(2001, p.15\)](#), quando o autor enfatiza que “[...] o cérebro humano não aprende de uma única maneira e por esse motivo o professor necessita empregar em todas as oportunidades a Aprendizagem Significativa, eliminando atividades que conduzam a uma aprendizagem mecânica”. A atividade em grupo sugerida pela professora, desse relato de experiência, teve a pretensão de alcançar os objetivos propostos, no seu planejamento, por meio de uma aprendizagem mais significativa para os seus alunos.

A professora relata que, a partir desse curso, apesar de ser docente de longa data, consegue, agora, enxergar que é possível adequar conteúdo com criatividade, sem que a criança perca o foco da necessidade de aprendizagem. Considera que uma atitude inovadora exige uma redefinição dos conceitos tradicionais, mas acha factível, porque aprendeu que pode sublinhar, por exemplo, um vocabulário de forma mais criativa, sem fugir do foco que é ensinar palavras novas. Pode, ainda, mostrar a transformação de diferentes textos, continuação de textos criados pelos alunos, sem que se sintam cansados em aprender. Ressalta a importância de ter outros cursos/modelos a serem compartilhados com os professores, a fim de que, aos poucos, consiga ressignificar sua prática pedagógica, cativando seus alunos e despertando neles o gosto pela leitura (SIC professora).

Para a professora, não é um processo fácil a transformação do professor em sala de aula. Deve ser um passo por dia, resistindo às próprias barreiras de que vai dar errado. É cansativo, pois requer cada vez mais estudo e preparo por parte do professor, o qual não pode chegar à sala de aula e, de acordo com o “andar da carruagem”, dar sua aula; precisa estar com material providenciado, matéria estudada, pesquisa feita, enfim, preparado e aberto ao papel de mediador para conduzir da melhor forma as mais diversas situações que possam surgir na sala de aula (SIC professora).

Esse relato vai ao encontro do pensamento de [Imbernón \(2009, p.27\)](#), quando destaca:

Somente quando o professorado vê que o programa formativo ou as possíveis mudanças da prática que lhes é oferecida repercutem na aprendizagem de seus estudantes, mudam suas crenças e atitudes de forma significativa e supõe um benefício para o alunato e a forma de exercer a docência, então, abre-se a forma de ver a formação não tanto como uma “agressão” externa, mas como um benefício individual e coletivo.

Por meio desse relato de experiência, acreditamos que a atividade docente se caracteriza como uma aprendizagem plural, constituída de saberes oriundos de vários contextos, das experiências pessoais e profissionais, dos saberes da teoria e das atividades práticas proporcionadas pelos cursos de extensão e pela formação continuada em serviço, o que pode contribuir para o constante aperfeiçoamento do profissional da educação.

Esse é, sem dúvida, um desafio que não se esgota com a realização dessas atividades, porém, aponta sobretudo, a partir do curso de extensão, caminhos para iniciar a reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida, ressignificando-a e dinamizando a sala de aula.

A respeito da experiência aqui compartilhada, temos a sublinhar a argumentação de [Vygotsky \(1984, p.70\)](#): “[...] a aula é uma celebração, um banquete, uma confraternização amorosa, uma comunhão da inteligência; quando o educador é consciente da interação social que gerou a cultura humana”. Na escola, ensinar e

aprender são frutos de um trabalho coletivo e contínuo, em que docentes e discentes celebram o conhecimento a cada dia, no decorrer das aulas, quando ensinam, aprendem e compartilham.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, destacamos que o “Curso de Extensão “Dinamizando a sala de aula – educação baseada nas potencialidades” foi relevante, no sentido de possibilitar aos profissionais participantes, especialmente à professora e aos seus alunos, a vivência de atividades comuns do dia a dia, de forma mais dinâmica e criativa, com outros direcionamentos e intervenções os quais foram frutos da pesquisa e reflexão. Além disso, por permitir a busca pelo conhecimento e o processo de ruptura da ação docente “tradicional”, que sempre trabalhou com atividades individuais e com os alunos dispostos em filas.

O trabalho, para muitos, pode até parecer simplista, contudo, é preciso olhá-lo à luz dessa ruptura, porque dinamizar uma sala de aula requer a quebra de paradigmas. Todavia, é preciso ressaltar que o processo de dinamizar uma sala de aula não se realiza de forma imediata. Tal aspecto pode ser evidenciado na passagem do 2º momento para o 3º momento, conforme relatados. Percebe-se que, embora a professora tenha iniciado a atividade com questões, à primeira vista, pautadas na reprodução e memorização de seus alunos, ela consegue, no 3º momento, transformá-la em algo mais criativo, dinâmico e interativo. É primordial considerar aqui o processo de transformação da prática pedagógica vivenciada pela professora e não apenas o produto final obtido por meio da atividade proposta.

Evidenciamos, pois, a necessidade de cursos de extensão com essa abordagem, em outros momentos, a fim de estimular a criatividade e desenvolver um processo educativo condizente com as necessidades e interesses dos alunos, visando a proporcionar uma melhoria na dinamização da sala de aula e, conseqüentemente, a oferecer atividades que tenham significado e sentido para os estudantes. Apenas dessa forma é possível melhorar as condições de ensino-aprendizagem que levem a criança a pensar, realizar descobertas, e o professor a valorizar não só os resultados, mas as etapas de um processo que se constrói no cotidiano do contexto escolar.

SUBMETIDO EM 9 out. 2014

ACEITO EM 6 jun. 2015

REFERÊNCIAS

[ANTUNES, C.](#) **Como transformar informações em conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2001.

[BRAGOTTO, D.](#) **Escola de poetas:** em busca do cidadão criativo. Campinas: Komed, 2003.

[BRONCKART, J. P.](#) **Atividades de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

COSTA, J. C. L. **Representações sobre a formação de professor na escola:** reflexões a partir da Lei 10.639/2003. 2010. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2568/1/PDF%20-%20Joedson%20Carlos%20Lucas%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

GATTI, B. A. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 191-204, jul. 2003.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado:** novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

KINNEY, L.; WHARTON, P. **Tornando visível a aprendizagem das crianças:** educação infantil em ReggioEmilia. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KRAMER, S. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.). **A magia da linguagem.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MORETTO, V. P. **Planejamento:** planejando a educação para o desenvolvimento de competências. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997.

VEIGA, I. P. A. et al. **Aula:** gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.